

O Congresso que sai

EDUARDO BRITO

A avalanche de votos brancos e nulos para deputado e senador, na eleição do ano passado, foi interpretada, corretamente, como um repúdio popular ao Congresso Nacional. A má imagem dos políticos constitui uma realidade, reafirmada por toda e qualquer pesquisa que se faça nessa área. No entanto, qualquer análise desses dados demonstra que o problema é mais profundo do que se pensa, não se tratando de simples reprovação aos atuais parlamentares.

O Congresso que se esgota nesta semana apresentou inegáveis méritos. Antes de mais nada, reuniu parlamentares de alto nível, muitos dos quais não voltam na próxima legislatura. Estão nesse caso Afonso Arinos, Virgílio Távora, Doutel de Andrade, Luiz Viana Filho, mortos, e Severo Gomes, Matta Machado, Hélio Duque, Chico Pinto, Jorge Bornhausen, Bernardo Cabral, Osmundo Rebouças, Paulo Macarini, Luiz Inácio Lula da Silva, que nem se candidataram. As urnas foram madrastras para um número ainda maior de figuras de peso, como Paes de Andrade, José Ignácio, Euclides Scalco, Fernando Lyra, José Lins, Egídio Ferreira Lima, Fernando Santana, Moema São Thiago, Carlos Sant'Anna, Fernando Gasparian, Tutu Quadros, Otávio Elisio, Mário Maia, Saulo Queiroz, Pompeu de Souza, Cristina Tavares e vários outros parlamentares que honraram seu mandato e apresentaram excelente desempenho.

Afinal, foi o atual Congresso que participou do processo de consolidação da democracia que renascia e, acima de tudo, que elaborou uma nova Constituição. Apesar das críticas, ninguém duvida de que se trata de uma Carta moderna, aberta e generosa, capaz de garantir os direitos dos cidadãos e abrir caminho para um Brasil melhor no futuro.

É justamente a partir da nova Constitui-

ção que se pode entender melhor o que se passou com o eleitorado. Seria muito fácil encontrar uma explicação linear para o que aconteceu na eleição passada: o alto índice de renovação do Congresso, bem como os votos nulos e brancos, representariam a repulsa do eleitorado ao absenteísmo remunerado, à fisiologia, ao afastamento das efetivas reivindicações populares. A resposta, porém, é mais sofisticada do que isso. Basta olhar as listas dos eleitos. Entre os derrotados figuram parlamentares competentes e trabalhadores, assim como entrê os vitoriosos estão parlamentares ausentes e franciscanos. Não se trata, portanto, de simples nota de boletim escolar.

A insatisfação do eleitorado se refere, na realidade, ao papel do poder Legislativo. A Constituição, por exemplo, não chegou a ser utilizada como bandeira pela enorme maioria dos que a elaboraram, apesar de seus inegáveis méritos. É porque os candidatos, como os eleitores, sabem que ela se revelou insuficiente para atender à vontade popular. Muitos dos dispositivos inovadores nela contidos sequer saíram do papel. E o mesmo ocorreu com quase todas as demais iniciativas dos parlamentares.

Essa foi a imagem que ficou deste Congresso: um poder que não é poder. Sufocados, primeiro pelo trabalho da Constituinte e depois pela enxurrada de medidas provisórias, instituído por eles mesmo criado, os atuais parlamentares em momento algum souberam mostrar eficiência. Se algo mudou na vida do eleitor, para melhor ou para pior, não é a eles que se atribui a mudança.

Fica no ar, portanto, uma certa imagem, injusta, de inoperância. Juntem-se a isso impressões cosméticas, como o absenteísmo remunerado, e está criado o clima para o repúdio nas urnas. Não se trata, portanto, de um simples julgamento, nome a nome, do Congresso que agora se retira. Trata-se, isso sim, do julgamento de todo um quadro político e institucional.

27 JAN 1991

CORREIO BRAZILIENSE